

## A vida de Platão de Atenas

DEBRA NAILS

Platão morreu no primeiro ano da centésima oitava Olimpíada, no décimo terceiro ano do reinado de Filipe da Macedônia – 347 a.C. pela contagem contemporânea – e foi enterrado na Academia.<sup>1</sup> A reputação do filósofo era tão venerável e tão difundida que uma mitologia foi inevitável e prolongada: Platão teve como genitor Apolo e nasceu da virgem Perictione; nasceu no sétimo dia do mês de Targelião, no dia de aniversário de Apolo, e as abelhas do Monte Himeto puseram mel na boca no bebê recém-nascido. Platônicos na Renascença celebravam o nascimento de Platão em 7 de novembro, no mesmo dia em que sua morte era lembrada. Em seu *O Filho de Apolo*, de 1929, Woodbridge escreve no início: “a exigência da história para que sejamos precisos vem de encontro à exigência de admiração para que sejamos justos. Presos entre as duas, os biógrafos de Platão têm escrito não a vida de um homem, mas tributos a um gênio”. Gênio certamente ele era, mas ele merece mais do que um tributo e mais do que uma *vita* padrão feita na medida do bibliotecário alexandrino Apolodoro, que dividiu as vidas dos antigos em quatro períodos de vinte anos, com uma *akmê* na idade de 40 anos.<sup>2</sup> Por este esquema, Platão nasceu devidamente em 427, encontra Sócrates quando tinha 20 anos (e Sócrates tinha 60), funda a Academia aos 40, viaja para a Sicília aos 60 e morre na idade de 80. Ampla evidência refuta a bela cadência.

Platão de Colito, filho de Aríston – pois este era o seu nome legal, com o qual tinha direito de cidadania ateniense e que

será escrito nas listas tribais – nasceu em 424/3, quarto filho de Aríston de Colito, filho de Arístocles, e de Perictione, filha de Gláucon; Aríston e Perictione haviam se casado em 432. Deixando de lado origens divinas remotas, ambos os pais tinham ascendentes que os ligavam aos arcontes atenienses dos séculos sétimo e sexto e, no caso de Perictione, a parentesco com Sólon, o sábio legislador (*Ti.* 20e1). Aríston e sua jovem família provavelmente estavam entre os primeiros colonizadores de Egina que mantinham a cidadania ateniense, quando Atenas expulsou os nativos de Egina em 431 (*Tucídides* 2.27). Quando Aríston faleceu, por volta do nascimento de Platão, a lei ateniense proibia a independência legal da mulher, de modo que Perictione foi dada em casamento ao irmão de sua mãe, Pírilampo, um viúvo que tinha sido recentemente ferido na batalha de Délio. Casamentos entre tios e sobrinhas, assim como entre primos de primeiro grau, eram comuns e úteis em Atenas, preservando antes que dividindo as propriedades familiares. O pai adotivo de Platão, Pírilampo, tinha sido amigo íntimo de Péricles (*Plutarco, Per.* 13.10) e várias vezes embaixador na Pérsia (*Chrm.* 158<sup>a</sup>2-6); trouxe à família pelo menos um filho, Demos (*Grg.* 481d5, 513c7), cujo nome significa “povo”: um tributo à democracia sob a égide da qual Pírilampo floresceu na vida pública. Quando Pírilampo e Perictione tiveram outro filho, fizeram o que havia de mais convencional, dando-lhe o nome de seu avô, Antifonte (*Prm.* 126b1-9). Assim, Platão cresceu em uma família de pelo

menos seis crianças, sendo ele o número cinco: um enteado, uma irmã, dois irmãos e um meio-irmão. Pírilampo morreu por volta de 413, mas o filho mais velho de Aríston, Adimanto, já tinha então idade suficiente, cerca de 19 anos, para tornar-se guardião (*kurios*) de sua mãe.

## A JUVENTUDE DE PLATÃO EM ATENAS

Quando Platão era um menino com idade suficiente para prestar alguma atenção à vida política que afetava sua família, a cidade de Atenas estava enredada na Guerra do Peloponeso, provocando e sofrendo uma sequência horripilante de desastres. Em 416, quando Platão tinha cerca de 8 anos e a Paz de Nícias, assinada entre Atenas e Esparta em 421, tinha fracassado completamente, Atenas comportou-se com uma crueldade desconhecida em relação a Melos, servindo-se dos argumentos “o-poder-faz-o-direito” que terão eco no Trasímaco da *República* I (Tucídides 5.84-116). No ano seguinte, quando a cidade embarcou na catastrófica expedição à Sicília, um grupo político oligárquico destruiu, à noite, os bustos da cidade, insultando o deus da viagem e dando início a uma histeria supersticiosa que levou à execução sumária, prisão ou exílio de cidadãos acusados de sacrilégio, inclusive membros da família de Platão. Um dos três comandantes da frota, o carismático Alcibíades, estava entre os acusados, e uma consequência terrível da histeria em massa de Atenas foi o abandono, por parte de Alcibíades, da expedição e sua traição à cidade. Com a derrota total de Atenas na Sicília em 413, Esparta recomeçou a guerra. Platão devia ter 12 anos quando Atenas perdeu seu império por causa da revolta de seus aliados; 13 anos, quando a democracia foi, por breve período, derrubada pela oligarquia dos Quatrocentos e quando o exército, ainda sob direção dos democratas, persuadiu Alcibíades a retornar e a comandá-lo novamente; 14 anos, quando a democracia foi restaurada; 15 anos, quando seus irmãos mais velhos, Adimanto

e Gláucon, lutaram bravamente na batalha de Megara (R. 368a3).

A despeito da guerra e das turbulências, Platão e seus irmãos teriam recebido uma educação formal em ginástica e música, mas por “música” devemos entender os domínios de todas as Musas: não somente dança, lírica, épica e música instrumental, mas também leitura, escritura, aritmética, geometria, história, astronomia e mais ainda. A condução informal de um menino à vida cívica ateniense era responsabilizada fundamentalmente do irmão mais velho da família. Como se vê no *Laques* e no *Carmides*, um jovem era socializado por seu pai, por seus irmãos mais velhos ou pelo tutor, os quais ele acompanhava na cidade – enquanto as mulheres permaneciam discretamente no interior das casas. Na companhia de seus irmãos, Platão era então provavelmente uma jovem criança quando conheceu Sócrates. Tanto o *Lísis*, que se passa no início da primavera de 409, quando Platão teria 15 anos, quando o *Eutidemo*, que se passa alguns anos mais tarde, fornecem uma visão dos anos escolares de Platão, já que as personagens jovens destes diálogos eram exatos coetâneos de Platão na vida real. *Lísis* de Exone, acerca de quem temos a sorte de possuir evidência contemporânea para corroborar, independente dos diálogos de Platão, provavelmente permaneceu um amigo íntimo do filósofo, pois sabemos que chegou a ser avô, tendo pelo menos 60 anos quando morreu.

O diálogo *Eutidemo*, que se passa no momento em que Platão estaria ele próprio pensando a respeito de suas perspectivas de formação, ilustra a moda educacional da época: a transferência pretendida da excelência (*aretê*, também traduzida por “virtude”) do professor ao estudante. A educação mais refinada em Atenas no final do quinto século era dominada por sofistas, residentes estrangeiros que obtiveram fama e riqueza professando técnicas de persuasão e exposição, platitudes revestidas de alto estilo retórico, o tipo de habilidades que poderia ajudar os jovens a se tornarem excelentes *qua* exitosos na vida pública por falar com

eficácia na Assembleia ateniense (*ekklêsia*) e nos tribunais. Mesmo os mais respeitáveis dentre eles – Górgias de Leontino e Protágoras de Abdera, que aparecem em diálogos homônimos (ver a representação por Sócrates de Protágoras no *Teeteto*) – são representados, contudo, como tendo feito ofício pífio ao transferir qualquer excelência que tivessem, pois seus estudantes parecem sempre ter dificuldade em reter e defender o que seus professores professavam. No *Eutidemo*, dois sofistas de caráter questionável alegam ser capazes de tornar qualquer homem bom chamando-o à filosofia e à excelência (274d7-275a1), mas sua produção é nada menos que um uso hilário de falácias com vistas a enganar seus respondentes. O final do diálogo (a partir de 304b6) é uma lembrança grave de que, no tempo do amadurecimento de Platão, os atenienses estavam cada vez mais desconfiados dos sofistas, retóricos, oradores e filósofos, *igualmente*.

Estes eram os últimos anos antes da derrota de Atenas para Esparta em 404, quando a Assembleia prestava cada vez menos atenção às leis escritas e agia cada vez mais irracional e emocionalmente, e em busca de vingança. Um Platão mais velho distinguirá entre democracia legal e ilegal (*Plt.* 302d1-303b5) com boa razão. Contudo, as tradições eram mantidas quanto aos distritos ou *demos* de votação, 139 dos quais estavam em Atenas. A cidadania era passada estritamente de pai para filho, de modo que os filhos do falecido Aríston, quando chegam aos dezoito anos, são apresentados aos cidadãos de Colito em cerimônias de *dokimasia*, após as quais estariam inteiramente emancipados. Foi no ano seguinte à *dokimasia* de Platão que Sócrates tentou sem sucesso impedir que a Assembleia levasse a julgamento e condenasse inconstitucionalmente seis generais, entre os quais o filho de Péricles e Aspásia, sob a acusação de não terem assegurado o recolhimento dos corpos após a vitória na batalha naval de Arginusa, em 406. Nos dois anos seguintes à sua cerimônia, Platão terá atuado em companhia de seus camaradas de *demo* em

uma milícia da cidade, embora confinado ao serviço dentro dos limites da Ática. Mais tarde, quando chamado, terá servido em outros lugares. Tanto pela lei quanto pelo costume, era necessária maior maturidade para participar em vários outros aspectos da vida cívica. Um cidadão deveria ter 20 anos para entrar na vida pública sem se tornar objeto de derrisão, e 30 anos para que seu nome entrasse nas loterias que determinavam o Conselho ateniense (*boulê*), os júris e os arcontes, e para que pudesse ser eleito general e se esperasse que se casasse.

Quando Platão chegou à maturidade, naturalmente imaginou para si próprio uma vida nos assuntos públicos, como diz em uma carta escrita em 354/3 (VII. 342b9). A autenticidade da carta foi por certo tempo muito discutida, mas mesmo seus detratores concedem que seu autor, se não tiver sido Platão, era íntimo do filósofo, possuindo conhecimento de primeira mão dos eventos relatados. Muitos dos detalhes da carta são esmiuçados e corroborados por historiadores contemporâneos da Grécia e da Sicília e seu estilo – diferentemente de outras cartas desta série – é similar ao das *Leis* e *Epínomis* (Ledger 1989: 148-51).<sup>3</sup> A família de Platão em sentido mais largo já incluía dois homens na órbita de Sócrates, personagens dos diálogos *Protágoras* e *Carmides*, que tiveram papel proeminente na vida pública ateniense: Crítias, o primo mais velho de segundo grau de Platão (o primo mais velho de Perictione) e Carmides (o irmão mais jovem de Perictione), que estava sob a tutela de Crítias. Ambos estavam entre os cinquenta e um homens em quem Platão depositava grande esperança em 404, quando, depois dos fracassos e dos excessos da democracia por vezes ilegal, a derrota de Atenas para Esparta levou à eleição dos Trinta, encarregados de formular uma constituição pós-democrática que faria a cidade retornar aos princípios de governo da *pátrios politeia*, a constituição ancestral de Atenas. Crítias era um dos líderes dos Trinta e Carmides era um dos Dez chefes municipais do Pireu; os Onze chefes municipais da Atenas urbana completavam o total de cinquenta e um. Embora

Platão tenha sido imediatamente chamado para participar da administração, ele era ainda jovem (VII. 324d4) e postergou a decisão, participando de perto e esperando testemunhar o retorno de Atenas à justiça sob a nova liderança.

Os Trinta o desapontaram amargamente; contudo, ao tentar implicar Sócrates na captura do general democrata Leon de Salâmis para execução sumária. Platão diz desta oligarquia que ela fez o governo da democracia anterior parecer, por comparação, uma época áurea (VII.324d6-325a5). Segundo Xenofonte de Erquia, o projeto da constituição era continuamente postergado (HG 2.3.11), e Isócrates de Erquia descreve os Trinta como tendo rapidamente caído em abusos e em excessos de autoridade, executando sumariamente 1.500 cidadãos e levando outros 5.000 ao Pireu durante nove meses no poder (*Aeropagiticus* 67). Porém, os democratas no exílio puderam reagrupar-se em File, de onde, em 403, voltaram a entrar no Pireu e enfrentaram as forças dos Trinta na batalha de Muniquia, onde Crítias e Carmides foram mortos. Após meses de mais lutas, a democracia foi restaurada. Apesar de uma anistia negociada com arbitragem de Esparta em 403/2 para reduzir casos de vingança na sequência imediata da guerra civil, a confusão continuou. Uma cláusula do acordo de reconciliação dizia que todos os simpatizantes da oligarquia remanescentes teriam seu próprio governo em Elêusis, que eles teriam previamente assegurado para si ao pôr à morte a população sob a acusação de terem apoiado a democracia (Xenofonte, HG 2.4.8-10; Diodoro Sículo 14.32.5). O acordo teve vida curta: assim que os espartanos tiveram sua atenção desviada para uma guerra com Élis, os oligarcas começaram a alugar mercenários; Atenas retaliou anexando Elêusis e matando todos os simpatizantes remanescentes da oligarquia no início da primavera de 401.

Assim como em outras revoluções que saíram fora de controle, o nível geral de desordem tornou os atos de retaliação muito fáceis de serem perpetrados e a

violência muito fácil de infligir sem punição. Contudo, os democratas que retornaram, segundo o relato de Platão, mostraram aparente contenção durante este período de revoluções (VII. 325b1-5). E mesmo, se os diálogos com datas de drama variando entre 402 e 399 (especialmente o *Mênnon*, *Teeteto*, *Eutifro* e *Fédon*) podem ser tomados como fontes para os tipos de conversa que Platão experimentou, quando tinha pouco mais de 20 anos, na companhia de Sócrates, então pelo menos algumas coisas da vida ateniense tinham voltado ao normal. Talvez por isso Platão descreva como tendo sido “por sorte” (VII.325b5-6) que Anito e Lícon, cujo amigo Leon Sócrates tinha anteriormente se recusado a entregar aos Trinta, conseguiram montar um processo contra Sócrates por impiedade e obtiveram ganho de causa em sua proposição de pena de morte. Para Platão, este evento devastador, bem como sua opinião sobre que a ordem ateniense estava deteriorando-se em um caos, puseram um fim ao desejo de ser politicamente ativo que se reacendeu brevemente nele com a restauração da democracia (VII. 325a7-b1). Embora continuasse a considerar como ainda poderia realizar uma melhora nas leis e na vida pública em geral, com o tempo ele se deu conta que todo Estado existente sofria de mau governo e de leis quase insustentáveis, tendo sido forçado, lá pela metade dos seus vinte anos, a admitir que, sem “reta filosofia”, se é incapaz de

Determinar o que é a justiça na *polis* ou no indivíduo. Os males sofridos pela humanidade não cessarão até que ou bem os filósofos genuínos e verdadeiros governem a *polis*, ou bem os governantes nas *poleis*, por alguma graça divina, se tornem verdadeiramente filósofos. (VII.326a5-b4; cf. R. V 473c11-e2)

Neste momento, ou logo depois, Platão determinou-se a fazer sua contribuição à vida pública como um educador. Ele devia, neste papel, suplantando os sofistas e retóricos itinerantes, que estiveram por tanto tempo à frente da alta educação ateniense.

## A PRIMEIRA VIAGEM DE PLATÃO À SICÍLIA E A FUNDAÇÃO DA ACADEMIA

Após a execução de Sócrates, Platão permaneceu em Atenas por talvez três anos. Durante este tempo, ele passou a conviver com Crátilo, seguidor de Heráclito, e com Hermógenes, meio-irmão bastardo do célebre Cállias de Alopece, que gastou uma fortuna com sofistas (veja *Cra.*, *Prt.* e *Ap.*). Então, com a idade de 28 anos em 396, Platão residiu por um período em Megara, distante meio dia de caminhada de Atenas, em companhia de Euclides e de outros socráticos, na busca de matemática e filosofia (Hermodoro, citado em Diógenes Laércio 3.6-2-6). Indicações duvidosas de outras viagens aparecem somente em fontes tardias.

Quando alcança 30 anos em 394, espera-se de Platão que se estabeleça como proprietário e, embora não haja nenhuma indicação neste sentido, que se case (apesar de *Leis* IV. 721a-e e VI. 772d). Nunca esteve entre os cidadãos mais ricos de Atenas, mas as rendas provenientes de suas propriedades agrícolas fora dos muros da cidade parecem ter sido adequadas para suas necessidades pessoais e para obrigações familiares como dotes e funerais. O financiamento da Academia, ainda a ser fundada, era provavelmente complementado por doações; que as finanças da Academia eram distintas das contas pessoais de Platão é atestado pela ausência de menção da Academia no testamento de Platão. Platão tinha uma propriedade no demo dos Ifístiadas, cerca de 10 km ao norte-nordeste do antigo muro da cidade e 2 km das margens do rio Cefiso, uma propriedade que provavelmente ele herdou (seu testamento não menciona nenhuma soma paga por ela). A propriedade pode ser localizada com precisão porque Platão a descreve como limitada ao sul pelo templo de Hércules, tendo sido descoberto em 1926 um de seus marcos de pedra. Platão viria a comprar outro terreno, no demo dos Eresidas, de Calímaco, um executor nomeado no seu testamento, de outro modo desconhecido; sua localização era

aproximadamente 3 km ao norte do muro da cidade, na margem oriental do rio Cefiso. O sobrinho de Platão, Eurimédon, outro executor, possuía as propriedades adjacentes ao norte e ao leste. Embora o demo de Platão fosse Colito, dentro dos muros da cidade havia três irmãos com os quais devia dividir a propriedade de Aríston, e as leis de sucessão visavam a manter intactas as propriedades. Normalmente, a ausência de um testamento requeria uma divisão dos bens da propriedade (terras em cultivo, estruturas, rebanhos, metais preciosos, dinheiro, etc.) em partes iguais; quando se estava de acordo que eram iguais, os irmãos podiam sortear ou escolher a herança (MacDowell, 1978, p. 93).

Mais ou menos na mesma época em que estava estabelecendo-se, Platão e os matemáticos Teeteto de Sunio, então com 19 anos e que morrerá cinco anos mais tarde, Árquitas de Tarento, um pitagórico, teórico da música e líder político esclarecido, que permanecerá próximo de Platão durante sua vida, Leodamas de Taso e talvez Neoclides (Proclo, citado em Euclides, *Elementos* 66.16) passaram a encontrar-se na parte nordeste urbana de Atenas no bosque do herói Hecademo, entre os rios Cefiso e Erídano, com vistas a continuar seus estudos. Espeusipo de Mirrino, filho de Potone, irmã de Platão, uniu-se ao grupo por volta de 390. O número de nomes de matemáticos presentes em uma lista originalmente compilada por Eudemo na última parte do século quarto a.C. é uma forte indicação que o grupo de estudiosos amigos cresceu firmemente nos primeiros anos. É somente quando Eudoxo de Cnido chega, no meio dos anos 380, que Eudemo reconhece formalmente uma Academia. O bosque que iria mais tarde ser a Academia, todavia, tinha um ginásio e amplos espaços abertos frequentados por jovens intelectuais – e não salas de aula ou anfiteatros para conferência.

Platão já gozava de celebridade fora de Atenas por volta de 385, quando foi convidado à corte do tirano de Sicília, Dionísio I, que convidava regularmente atenienses célebres ao seu palácio real fortificado em Ortigia, a

península que se lança no porto de Siracusa. Isto é uma indicação cogente que, ao lado de seus estudos matemáticos e filosóficos, Platão tinha começado a escrever diálogos que eram copiados e difundidos. Há evidência substancial que uma proto-*República* – que compreendia a maior parte dos livros II-V do nosso texto atual da *República* – foi publicada antes de 391, quando *Ecclesiazusae*, a ousada peça de Aristófanes, parodiou seus elementos centrais (Thesleff 1982: 102-10). A *Apologia*, uma primeira versão do *Górgias*, e o que é agora *República* I, estava provavelmente também entre os diálogos que foram publicados neste primeiro grupo. De tempos em tempos, *Fedro* e *Lísias* foram considerados como também aí figurando – sobretudo em tradições fora da filosofia analítica anglo-americana desde a década de 1950. Há evidência abundante de revisão em vários diálogos, um obstáculo insuperável para uma análise computacional definitiva do estilo de Platão e, portanto, para a certeza acerca da ordem em que os diálogos foram escritos, exceção feita aos últimos (Ledger 1989: 148-51). Contudo, a impressão de três períodos maiores em sua produção, com limites cinzentos, persiste na maior parte das tradições de interpretação (Nails, 1995, p. 97-114).

Platão nos diz que tinha quase 40 anos quando viajou para a Itália, onde provavelmente visitou Arquitas em Tarento, e para a Sicília, onde foi hospedado por Dionísio I, tirano de Siracusa. A viagem foi memorável, a despeito do desgosto de Platão pela tirania e pela sensualidade decadente que encontrou. Não tinha nenhuma intimidade com o tirano (muito semelhante ao tirano da *República* IX), mas encontrou Díon, o jovem cunhado de Dionísio. Eis aqui um jovem de 20 anos, admirável, ainda que austero, pronto para aprender o que quer que Platão considerasse que pudesse ajudá-lo a obter a “liberdade sob as melhores leis” para o povo da Sicília (VII. 324b1-2). Sua amizade – renovada com as visitas de Díon à Grécia – durará trinta anos (VII. 324a5-7). Fontes tardias (Diodoro Sículo, Plutarco, Diógenes Laércio) nos dão diferentes detalhes a respeito do final da

primeira viagem de Platão à Sicília, embora concordem todas que a fala franca de Platão irritou a tal ponto o tirano que ele foi posto de volta em um navio e vendido como escravo. Quando foi comprado e posto em liberdade por Aníceres de Cirene, no relato de Diógenes, os amigos de Platão tentaram devolver o dinheiro, mas Aníceres o recusou e comprou para Platão um jardim no bosque de Hecademo.

A Academia – um centro ateniense para estudos avançados, reunindo homens e mulheres de todo o mundo grego –, os diálogos, que eram seus manuais, e os métodos filosóficos exemplificados neles constituem o brilhante legado de Platão. Fundada após o retorno de Platão da Sicília em 383 e com uma sucessão contínua até 79 a.C., a Academia é, por vezes, considerada a progenitora da universidade moderna, embora Sócrates tivesse estabelecido uma escola permanente para retórica em Atenas em 390. O programa da Academia, baseado na matemática e na busca do conhecimento científico – antes que em seu fechamento – tornou-a a primeira em seu tipo. Porém, o que pode significar sua “fundação”? Presumivelmente, a Academia tornou público seu interesse em receber estudantes, embora não houvesse taxas. Membros que estudaram juntos por alguns anos estavam agora talvez prontos para partilhar o que haviam aprendido e aplicar seu conhecimento em novas áreas. A Academia continuou a atrair filhos de líderes políticos, que estavam mais interessados em governar do que estudar matemática, que era um pré-requisito, mas todo início é turvo e é difícil não importar de modo anacrônico categorias atuais (professor, aluno) – como, em outros séculos, “mestre” e “discípulo” se impuseram. De qualquer modo, Platão parece ter passado o período que vai de 383 a 366 em relativa calma, estudando, discutindo, escrevendo e contribuindo, de modo geral, para a educação na Academia. É a este período também que se atribui a maior produção dos diálogos de Platão e que os membros e as atividades da Academia começaram a ser ridicularizados no teatro cômico de Atenas.

Deve-se notar a chegada de Aristóteles de Estagira em 367; os fragmentos dos diálogos escritos por Aristóteles sugerem que era típico dos membros da Academia exercitar-se em escritos deste gênero.

### AS EXPEDIÇÕES DE PLATÃO NA SICÍLIA EM FAVOR DE DÍON E DA FILOSOFIA

Na Carta VII, Platão descreve minuciosamente suas viagens subsequentes para a Sicília. O breve sumário a seguir pode ser de interesse tendo-se em mente a imagem do filósofo do *Teeteto*, objeto de derrisão por ser perfeitamente inapto em assuntos práticos (172c3-177c2); Platão se mostra como inocente no exterior, manipulado em toda ocasião, completamente incompetente para ajudar seu amigo, ainda mais para tornar o governante um filósofo.

Platão não desejava retornar quando chamado de volta a Siracusa por Dionísio II em 366. O velho Dionísio morrera em 367, logo após ter sabido que sua peça, *O Resgate de Heitor*, tinha recebido o primeiro prêmio no festival das Lenaias em Atenas. Apesar de sua reputação como erudito e culto, ele não se preocupou com a educação de seu filho e herdeiro. Quando criança, Dionísio II passou a maior parte do tempo sem contato com o pai, ocupado em fabricar brinquedos de madeira, mas, quando chamado à presença dele, ele era inspecionado em busca de armas escondidas como todo aquele que tinha uma audiência com o tirano. Adulto por volta dos 30 anos quando chamou Platão, o jovem Dionísio tinha casado com a sua meia-irmã paterna, Sofrosine, com quem teve um filho, e que recentemente tinha recebido a cidadania honorária ateniense. Enquanto isso, Díon casou com sua sobrinha, Arete, filha do velho tirano, e tinha um filho de sete anos, de modo que Díon era cunhado e por vezes conselheiro do novo tirano.

Díon, a pedido de quem o chamado tinha sido feito, teve dificuldade para superar a relutância de Platão em viajar para Siracusa. Ele insistiu com vários argumentos,

inclusive com a paixão do jovem tirano pela filosofia e pela educação em geral. Platão não menciona se tinha lembrança do adolescente Dionísio em sua primeira visita, declarando somente que as paixões de um jovem podem mudar radicalmente. Díon insistiu, exortando Platão a ajudá-lo a influenciar Dionísio II, argumentando *inter alia* que a morte do velho tirano poderia ser aquele “destino divino” necessário para que enfim se realizasse a felicidade de um povo livre sob boas leis, que havia algumas outras pessoas em Siracusa que esposavam opiniões corretas, que seus jovens sobrinhos necessitavam igualmente de treinamento em filosofia e que o novo tirano poderia ser levado à verdadeira filosofia por Díon com a ajuda de Platão, da mesma maneira como aquele fora levado à verdadeira filosofia por este, efetuando, deste modo, reformas e pondo fim aos males longamente sofridos pelo povo. Além disso, Díon acrescentou, se Platão não viesse, homens piores estavam ansiosos para realizarem a educação do jovem tirano. Confiando mais no caráter firme e nas intenções de Díon do que na esperança de ter sucesso com Dionísio, temendo pela segurança de Díon, sentindo que o débito em relação ao seu primeiro anfitrião pesava mais que suas presentes responsabilidades na Academia, uma dupla razão mostrou-se finalmente decisiva: seria vergonhoso aos olhos do próprio Platão e uma traição à filosofia caso se mostrasse, ao final, um homem de palavras que se acovardava diante dos atos. Platão por fim embarcou, no início da estação de navegação de 366, para uma segunda viagem à Sicília.

Facções dentro da corte real suspeitaram desde o início de Díon e Platão, imaginando que o objetivo secreto deste era colocar a Sicília, então em guerra contra Cartago, sob o controle de Díon. No intuito de testar a influência do filósofo, fizeram com que o hábil Filisto, um historiador banido pelo antigo tirano, fosse chamado de volta do exílio. Após alguns meses durante os quais Platão e Díon tentaram incessantemente tornar a vida de moderação e sabedoria atrativa a Dionísio, que eles consideraram

não sem habilidades (VII. 338d7), Filisto convenceu Dionísio que Díon estava secretamente negociando a paz com Cartago. Díon foi deportado sumariamente para a Itália, separado de sua mulher, filho e parte de sua propriedade lhe foi retirada. Os amigos de Díon temeram retaliação, mas o tirano – cioso de sua reputação no estrangeiro e da necessidade de aplacar os que apoiavam Díon – pretensamente pediu a Platão para ficar, ao mesmo tempo em que se assegurava que não fugiria, instalando-o no interior de sua fortaleza (VII. 329d1-330a2). Platão insistiu no projeto de educação e até estabeleceu relações entre Dionísio e Árquitas e outros tarentinos. Dionísio, porém, que se ligou a Platão, permaneceu invejoso da alta consideração que Platão tinha por Díon. Dionísio buscava desesperadamente o elogio de Platão, mas não trabalhava em busca da sabedoria, que era o único caminho para obtê-lo. Platão serviu-se de todas as ocasiões para persuadir Dionísio a lhe permitir voltar para Atenas, o que resultou finalmente em um acordo: Platão prometeu que, caso Dionísio o chamasse, assim como a Díon, após ter-se assegurado da paz com Cartago, ambos voltariam. Nestes termos, Platão partiu de modo publicamente amigável e Dionísio retirou as restrições postas quanto ao recebimento por parte de Díon de ganhos de sua propriedade.

Díon, entretanto, viajou para Atenas, onde havia comprado uma propriedade; a cidade serviu-lhe de base e lhe permitiu estudar na Academia e fazer amizade com Espeusipo. Porém, ele viajou por toda a Grécia, tendo sido recebido calorosamente em Corinto e em Esparta, onde recebeu a cidadania honorária. Quando Dionísio mandou chamar Platão – mas não Díon – em 361 e Díon implorou para que Platão fosse, pois tinha escutado que Dionísio tinha desenvolvido uma impressionante paixão pela filosofia (VII. 338b6-7). Então Platão recusou, irritando a ambos ao alegar idade propecta. Havia rumores provenientes da Sicília que Árquitas, certos amigos de Díon e muitos outros haviam dado a Dionísio o gosto pelas discussões filosóficas. Quando uma

segunda chamada chegou, Platão percebeu nela a ambição zelosa (*philotimos*) de não ser trazida à luz sua ignorância da filosofia; e Platão recusou-se novamente a retornar à Sicília. Quando uma terceira chamada chegou, trazida por vários conhecidos sicilianos de Platão, entre os quais Arquedemo, ligado a Árquitas, o siciliano Dionísio pensou que Platão a teria em alta conta. Não somente vieram com uma trirreme para facilitar a viagem de Platão, mas também Dionísio escreveu uma longa carta, dizendo que os negócios de Díon, caso Platão viesse, seriam determinados como Platão quisesse, mas que, se não viesse, Platão não gostaria do desfecho a ser dado quanto à propriedade e à pessoa de Díon. Neste ínterim, os conhecidos atenienses de Platão lhe pediam vivamente para que fosse imediatamente e cartas chegavam da Itália e da Sicília com novos argumentos – Árquitas relatava que importantes assuntos de Estado entre Tarento e Sicília dependiam da volta de Platão. Como antes, a decisão de Platão foi que seria uma traição a Díon e a seus anfitriões de Tarento se não fosse; quanto à traição à filosofia, desta vez Platão considerou (cegamente, como diria mais tarde: VII. 340a2) que talvez Dionísio, tendo agora discorrido com tantos homens acerca de temas filosóficos e tendo ficado sob a influência deles, de fato pudesse ter abraçado a melhor vida. Pelo menos, Platão iria descobrir a verdade.

Ficou claro, após sua primeira conversa, que Dionísio não tinha nenhum interesse em discutir filosofia; na verdade, o tirano anunciou que ele já sabia o que importava saber. Ademais, ele cancelou o pagamento dos ganhos das propriedades de Díon; em consequência, Platão anunciou, irritado, que voltaria a Atenas, tendo intenção de embarcar em qualquer barco no porto. Dionísio, cioso de sua reputação, rogou-lhe que ficasse e, vendo que não conseguiria persuadir o irritado filósofo, ofereceu-se a cuidar ele próprio da passagem de Platão. Contudo, ele encolerizou Platão ainda mais no dia seguinte, ao prometer que, se Platão ficasse durante o inverno, Díon receberia excelentes propostas, que ele detalhou, na



primavera. Platão, sem confiar nestas promessas, passou a noite considerando várias alternativas e se deu conta que já tinha levado um xeque-mate. Aceitou ficar sob uma condição: que Díon ficasse a par das propostas de modo que o acordo pudesse ser feito. Não somente a estipulação não foi honrada, como tampouco as propostas foram discriminadas: assim que o porto foi fechado e Platão não podia mais escapar da ilha, Dionísio vendeu as propriedades de Díon.

Em evento decisivo, porém, envolvendo Heraclides, amigo de Díon e líder da facção democrática em Siracusa, tudo mudou. Ele foi acusado de fracassar quanto ao pagamento de mercenários e fugiu para proteger sua vida, juntando-se a Díon. Uma inscrição do santuário de Asclépio em Epidauro os honra juntamente (*Inscriptiones Graecae* IV<sup>2</sup> 95.39-40). Neste ínterim, Dionísio prometeu a outros líderes democratas excelentes condições para Heraclides, se voltasse para ser julgado, e ocorreu que Platão serviu de testemunha do juramento quanto à promessa do tirano. Quando, no dia seguinte, o tirano já parecia estar quebrando a palavra, Platão invocou prontamente a promessa que testemunhou na véspera, a qual o tirano prontamente negou, aguilhoando Platão novamente. Tomando a ação de Platão como um ato de preferir Díon contra ele próprio, Dionísio transportou Platão para fora das muralhas, à casa de Arquedemo, na área da cidade em que ficavam os mercenários do tirano.

Se Platão tinha sido antes um prisioneiro virtual, ele agora estava em perigo: remadores mercenários atenienses contaram-lhe que alguns deles estavam planejando matá-lo, de modo que Platão passou a enviar desesperadamente pedidos de ajuda. Por meio da intercessão de Árqitas, um barco tarentino foi enviado em sua busca. Porém, Platão não retornou para Atenas. Ele desembarcou em Olímpia e se encontrou com Díon nos jogos, relatando-lhe a notícia de mais uma intransigência do tirano: de fato, Platão fracassara em realizar algo digno de nota em favor de Díon ou da filosofia durante os sete anos de desventura

na Sicília (VII. 350d4-5). A primeira reação de Díon foi clamar por vingança, querendo que os amigos, a família de Platão e o próprio velho filósofo se unissem a ele. Platão tinha vários argumentos para recusar e ofereceu em troca seu auxílio no caso de Díon e Dionísio desejarem ser amigos e fazer bem um ao outro. Isso nunca ocorreu, embora as ações posteriores de Díon mostrem que seu desejo de vingança tinha-se extinguido antes da liberação de Siracusa, uma missão que ele perseguiu “preferindo sofrer o que é ímpio a causá-lo” (VII. 351c6-7).

Platão manteve-se informado das tratativas de seu amigo e continuou a fornecer-lhe conselho durante os três anos para angariar os fundos necessários e para alistar mercenários secretamente até que Díon pôde, finalmente, embarcar em 357, deixando a Espeusipo sua propriedade em Atenas. Parece que membros da Academia tinham muita esperança em um governante-filósofo: Platão os descreveu como “empurrando-o” a uma terceira viagem (VII. 339d8-e1), e pelo menos um membro, Timônides de Leucas, acompanhou a expedição no intuito de fazer um relato para Espeusipo e para a História. Heraclides ficou de trazer tropas adicionais e trirremes. A expedição de Díon, incluindo trinta sicilianos exilados, chegou quando o exército estava fora da cidade, de modo que Díon pôde entrar sem encontrar resistência e foi aclamado como o libertador dos gregos da Sicília. Foi eleito general e obteve o apoio da Siracusa inteira – exceto da fortaleza do tirano em Otógia, onde a esposa e o filho de Díon estavam retidos.

Dionísio simulou uma abdicação, mas mandou seu exército atacar enquanto negociava os detalhes: houve outros engodos e escaramuças militares que deram a Díon uma reputação de heroísmo. Quando Heraclides chegou com vinte trirremes adicionais e com 1.500 mercenários, houve inicialmente uma cooperação. Contudo, a amizade se deteriorou, em função da nomeação oficial de Heraclides como general, pela fuga pelo mar do tirano sob a guarda deste e porque ele era mais popular do que Díon, causando lutas entre seus respectivos seguidores.

Heraclides e Díon foram obrigados a fazer repetidas tentativas de pôr seus seguidores em uma mesma direção. Dois turbulentos anos se passaram até que Ortígia ficou finalmente aberta no verão de 354; a separação de onze anos entre Díon e sua família terminou e a assembleia dos cidadãos pôde debater temas internos: redistribuição da terra e da propriedade e se deveria haver ou não um Conselho. No espaço de alguns meses, porém, Heraclides foi assassinado por seguidores de Díon, ele mesmo tendo sido assassinado por um ateniense, Calipo, que o havia recebido amigavelmente e o hospedado em 366 e o acompanhara à Sicília. Calipo, que não tinha, Platão insiste, nenhuma conexão com a Academia, declarou-se imediatamente tirano. Platão, escrevendo seis anos após o encontro em Olímpia e algumas semanas ou meses após a morte de Díon, compara seu amigo de trinta anos a um piloto que antecipa corretamente uma tempestade, mas subestima sua força de destruição: “que eram perversos os homens que o puseram por terra, ele sabia, mas não a extensão de sua ignorância, de sua depravação e avidez” (VII. 351d7-e2).

## OS ÚLTIMOS ANOS DE PLATÃO

Após 360, Platão permaneceu em Atenas, onde ocorreu um certo número de mudanças em sua família e na florescente Academia. Uma das letras com menor credencial de autenticidade menciona que duas sobrinhas morreram, levando Platão, por volta de 365, a aceitar a responsabilidade parcial de quatro sobrinhas-netas, de menos de um ano à idade de casamento – que em Atenas significava um ano após a puberdade. A mais velha estava para se casar com Espeusipo, então no início dos quarenta anos e em vias de ser o segundo da Academia (XIII. 361c7-e5). A mãe de Platão havia morrido algum tempo depois de 365, mas sua irmã Potone e pelo menos um de seus irmãos tinham casado e tido filhos e netos. Um “menino” Adimanto, provavelmente neto do irmão de Platão de mesmo

nome, teve como herança a propriedade de Platão. O velho Platão estava secundado também por colegas na Academia: muitos nomes de seus associados nos foram transmitidos. Havia um registro detalhado na última década da vida de Platão e a sucessão dos líderes da Academia foi preservada; portanto, é razoável supor que listas de estudantes eram de tempos em tempos estabelecidas durante os quase quarenta anos de liderança de Platão. Além dos que já foram mencionados – Aristóteles, Eudoxo, Timônides e Espeusipo – há duas mulheres entre os mais notáveis, Axioteia de Fliunte e Lastênia de Mantinea; o historiador Heraclides de Ponto; o biógrafo Hermodoro de Siracusa; Filipe de Mende, também conhecido como Filipe de Opus, provável editor das últimas obras de Platão; e Xenócrates de Calcedônia, que sucederá a Espeusipo.

Devemos rejeitar a imagem padrão do velho Platão consagrando seus anos tranquilos a burilar seu estilo no *Timeu-Crítias*, *Sofista*, *Político*, *Filebo*, *Leis* e Carta VII, pois esta imagem é tão irrealista quanto desnecessária. Embora estas obras partilhem características estilísticas incontestadas do ponto de vista estatístico que mostram que foram escritas ou editadas por uma única pessoa, o *Epínomis*, que foi incontrovertidamente escrito e publicado após a morte de Platão, possui, porém, a reconhecível prosa enfatuada daqueles outros, sugerindo que Platão se valeu do auxílio de um escriba, cuja responsabilidade consistia em reformular as produções da Academia no estilo adotado pela Academia. Diz-se “produções” porque há boas razões para supor que a Academia de Platão funcionava como as outras instituições antigas (p. ex., as escolas de Hipócrates e de Aristóteles, os pitagóricos helenísticos) ao elaborar projetos de escrita em colaboração. As *Leis* são um diálogo quase que certamente resultado de um esforço coletivo, com um argumento dialético contínuo limitado fundamentalmente aos livros I-II e deixado incompleto quando do falecimento de Platão (Nails e Thesleff 2003). Um pequeno número de

breves passagens da *República* parece ter sido alterado também pela mão do editor, sugerindo que este grande diálogo encontrou sua presente forma somente muito tarde na vida de Platão.

Similarmente, devemos rejeitar a imagem de um Platão que educa iniciados oralmente ou que ministra conferências doutrinárias (embora Aristoxeno atribua a Aristóteles uma anedota acerca da conferência sobre o bem, *Harmônica* 30-1). Em fragmentos que nos foram transmitidos, os colegas de Platão não apelam ao que o mestre disse, embora manifestem uma discordância sábia acerca da natureza da realidade e do conhecimento e acerca do sentido de teses obscuras feitas por personagens nos diálogos (Cherniss 1945). Devemos rejeitar estas imagens por conta de uma razão epistemológica forte. Platão

permanece sempre convencido que o que é admitido por crença, de segunda mão, seja de outros ou de livros, nunca equivale a um estado cognitivo válido; o conhecimento deve ser obtido pelos esforços da própria pessoa. Platão busca antes estimular o pensamento que transmitir doutrinas. (Annas, 1996, p. 1.190)

## REFERÊNCIAS E LEITURA COMPLEMENTAR

- Annas, J. (1996). Plato. In S. Hornblower and A. Spawforth (eds.) *Oxford Classical Dictionary* (pp. 1190–3). Oxford: Oxford University Press.
- Cherniss, H. F. (1945). *The Riddle of the Early Academy*. Berkeley: University of California Press.
- Davies, J. K. (1971). *Athenian Propertied Families 600–300 BC*. Oxford: Clarendon Press.
- Jacoby, F. (1902). *Apollodors Chronik*. Berlin: Weidmann.
- Ledger, G. R. (1989). *Re-Counting Plato: A Computer Analysis of Plato's Style*. Oxford: Oxford University Press.
- MacDowell, D. M. (1978). *The Law in Classical Athens*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Nails, D. (1995). *Agora, Academy, and the Conduct of Philosophy*. Dordrecht: Kluwer.
- \_\_\_\_\_. (2002). *The People of Plato: A Prosopography of Plato and Other Socratics*. Indianapolis: Hackett.
- Nails, D. e Thesleff, H. (2003). Early academic editing: Plato's Laws. In S. Scolnicov and L. Brisson (eds.) *Plato's Laws: From Theory into Practice* (pp. 14–29). Sankt Augustin: Academia.
- Randall, J. H., Jr. (1970). *Plato: Dramatist of the Life of Reason*. New York: Columbia University Press.
- Riginos, A. S. (1976). *Platonica: The Anecdotes Concerning the Life and Writings of Plato*. Leiden: Brill.
- Ryle, G. (1966). *Plato's Progress*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Taylor, A. E. (1956). *Plato: The Man and his Work*. Cleveland: World.
- Thesleff, H. (1967). *Studies in the Styles of Plato*. Helsinki: Suomalainen Kirjallisuuden Kirjapaino.
- \_\_\_\_\_. (1982). *Studies in Platonic Chronology*. Helsinki: Societas Scientiarum Fennica.
- Westlake, H. D. (1994). Dion and Timoleon. In D. M. Lewis et al. (eds.) *The Cambridge Ancient History*, vol. 6: *The Fourth Century BC* (pp. 693–722). Cambridge: Cambridge University Press.
- Woodbridge, F. J. E. (1929). *The Son of Apollo: Themes of Plato*. Boston: Houghton Mifflin.

## NOTAS

Todas as traduções são do autor, a menos que haja outra indicação.

1. Muitos leitores resistem a serem soterrados pelas exceções, qualificações, citações e comentários laterais que são necessários para um relato completo; para argumentos mais matizados e mais abrangentes, bem como para uma avaliação das fontes, ver Nails (2002), incluindo os verbetes sobre Platão e todas as outras pessoas mencionadas aqui.
2. O livro de Taylor, *Plato the Man and his Works*, foi editado inicialmente em 1927 e seguiu de perto o modelo alexandrino. Ryle (1966) e Randall (1970) questionaram a assim contada história de Apolodoro, mas não fizeram uma reavaliação da evidência disponível.
3. A carta é endereçada à família e aos amigos de Díon. Somente no caso de outras cartas, o testamento e alguns poucos epigramas atribuídos a Platão serem autênticos é que haverá informação autobiográfica suplementar a respeito de Platão.